

SIMILARIDADES EPISTEMOLÓGICAS ENTRE PLATÃO E PIAGET QUANTO À CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.¹

Ana Beatriz Pinheiro do Reis ²
Greice Kelly Fonseca Alves ³

RESUMO

Este artigo pretende trazer a discussão acerca da obra *A Epistemologia Genética* de Jean Piaget (1978), assim como as fases do desenvolvimento cognitivo e humano, relacionando com as alegorias da linha dividida e da caverna apresentadas por Platão, no livro *A República* circa 380 a.C. A pesquisa aqui apresentada tem o caráter qualitativo e a metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica com foco na assimilação dos autores aqui apresentados. Inicialmente trataremos da contextualização entre os dois autores, que retratará a compreensão da relação *sujeito-objeto* apresentando o início da construção do pensamento. Logo após, discorreremos sobre cada estágio do desenvolvimento cognitivo de Piaget, dialogando com as alegorias supracitadas trazendo-nos a compreensão de como é formada a nossa consciência enquanto sujeito operante da razão. Concluímos que a sala de aula é o ambiente onde o aluno mais reflete sobre suas ações, Platão valorizava a educação que promovesse o *bem-viver*, ele deixa claro o papel do Estado no fornecimento do conhecimento para o indivíduo. Deste modo, compreendemos que não cabe apenas a educação fazer o aluno “pensar”, se o Estado não oferece ao professor o suporte técnico para que este possa estimular o seu aluno à razão. Acreditamos que deve-se levar em consideração a maturação biológica do educando, o qual deve ter contato com meios lúdicos para seu desenvolvimento cognitivo inicial, enquanto o formador deve relacionar suas práticas pedagógicas aos respectivos estágios de desenvolvimento.

Palavras-chave: Epistemologia Genética, A República, Formação, Desenvolvimento Cognitivo, Bem-viver.

1 - INTRODUÇÃO

Na área da educação a discussão sobre epistemologia traz contribuições para a compreensão do desenvolvimento cognitivo e humano. Tendo isso em vista, pretendemos abordar neste trabalho o resultado de uma pesquisa bibliográfica, que tem por objetivo compreender como acontece a aquisição de conhecimento no indivíduo. Baseamo-nos nas partes VI e VII do livro *A República* circa 380 a.C (especificamente sobre as alegorias da linha dividida e da caverna) comparando-os com estágios de desenvolvimento apresentados por Piaget, em sua obra *A Epistemologia Genética* (1978). Podemos perceber que a construção do conhecimento nos dois textos é constituída, em um primeiro momento, pela

¹ Trabalho apresentado como requisito das atividades do Projeto de Monitoria em Fundamentos Filosóficos da Educação, Orientador: Prof. Dr. Rafael Lucas de Lima. Universidade de Pernambuco – UPE campus Petrolina.

² Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco – UPE, beatriz_pinheiro@outlook.com

³ Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco – UPE, greicealves1@outlook.com;

relação direta entre o sujeito e o objeto, para posteriormente apresentar o pensamento hipotético dedutivo.

Para iniciar nossa discussão, comentaremos sobre um ponto específico do pensamento de Platão: a relação entre o mundo das ideias e o mundo sensível, correlacionando-se esse ponto com a perspectiva da formação dos conhecimentos segundo Piaget – abordada no capítulo 1 do livro supracitado. Posteriormente, dividimos a pesquisa de acordo com os quatro estágios do desenvolvimento cognitivo propostos por Piaget: sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto, operatório-formal. Em seguida, relacionaremos esses estágios com as quatro partes da linha dividida, alegoria apresentada por Platão no Livro VI da *República*, a qual faz referência ao mundo sensível (*dóxa*) e ao mundo inteligível (*episteme*) como sendo formados por quatro partes: *eikasia* (imaginação), *pístis* (crença), *dianóia* (raciocínio dedutivo), e *noésis* (conhecimento). Essas partes também podem ser percebidas na alegoria da caverna. Versaremos ainda sobre as similaridades das interpretações epistemológicas dos referidos autores, e, para concluir, falaremos um pouco sobre o que acreditamos ser relevante no estudo dessas questões para dar suporte às práxis pedagógicas.

2 - CONTEXTUALIZANDO

Correia (2007) acredita que a relação da dialética platônica mundo sensível/mundo inteligível é evidenciada como uma relação antagônica. Porém, não acreditamos que a relação entre essas duas partes seja adversa, e sim distinta e complementar, mesmo sabendo que para Platão o mundo das ideias é alcançado em excelência a partir da morte. Ele acreditava que em vida, um indivíduo pode atingir o mundo das ideias através do pensamento, do raciocínio, da abstração; esse era, aliás, o propósito de Platão quanto a esta vida: fazer com que as pessoas pudessem sair da caverna, alçando-se, pelo pensamento, para fora dela, em direção ao mundo inteligível ou das ideias.

No livro VII, na alegoria da caverna, o homem que é libertado da prisão passa por um processo gradativo de adaptação e desenvolvimento intelectual, processo que vai da sua libertação dos grilhões, passando pela dolorosa via de ascensão do interior para o exterior da caverna, até a completa saída da mesma. Para Platão, a caverna representa o mundo sensível, lugar da *dóxa*, ao passo que o exterior da caverna representa o mundo inteligível, lugar da

episteme. Sendo assim, compreendemos que essa associação *dóxa/episteme* pode acontecer aqui no mundo sensível por meio das relações cognitivas gradativas que ocorrem durante o desenvolvimento do indivíduo. Piaget (1978), na sua teoria construtivista, estabelece uma relação entre sujeito e objeto⁴ que ocorre tanto de maneira biológica, quanto de maneira cultural.

[...] Neste sentido a solidariedade da psicogênese e da biogênese dos instrumentos cognitivos parece fornecer uma solução quase que forçosa: se o organismo constitui o ponto de partida do sujeito com suas operações elaborativas, nem por isso deixa de ser um objeto físico-químico entre os demais, e obediente às suas leis mesmo se acrescenta a elas novas leis. É, portanto, pelo interior mesmo do organismo e não (ou apenas) pelo canal das experiências externas que se faz a junção entre as estruturas do sujeito e as da realidade material.⁵

Essa junção possibilita ao indivíduo a oportunidade de desenvolver, por meio de etapas bem estimuladas, a habilidade de raciocínio lógico. Outro ponto que queremos enfatizar é a questão da utilização do termo *objetos*. Esse pode ser lido em algumas traduções da República, como no trecho 515a do Livro VII, referindo-se a todos os objetos carregados pelas pessoas dentro da caverna e cujas sombras eram tudo o que conheciam os cativos que lá viviam, assim como pode ser encontrado em diversas partes do livro *A Epistemologia Genética*, sobretudo no capítulo I. Foi a partir dessa percepção que compreendemos que, para os dois autores, a relação sujeito-objeto proporciona o início da construção do pensamento.

3 ESTÁGIOS PIAGETIANOS DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SUAS RELAÇÕES COM “A REPÚBLICA”.

A divisão do desenvolvimento cognitivo é proposta, por Piaget, a partir de quatro estágios – sendo que em todos eles há o processo de interação do indivíduo com o meio. O primeiro estágio, *sensório-motor*, enfatiza que o indivíduo interage diretamente com os objetos concretos, família, escola, amigos, agindo então de maneira mimética, sem a real interpretação desses objetos, que fazem com que o indivíduo meramente reproduza suas ações.

⁴ Tratamos como objeto não apenas os objetos inanimados, consideramos também como tal o ambiente, as pessoas com as quais o indivíduo interage.

⁵ Piaget, 1978, p. 39.

Já o segundo estágio, denominado *pré-operatório*, é caracterizado pela construção de esquemas constituídos pelo indivíduo através da ação direta dele com os objetos presentes no meio, sem uma representação ou pensamento formal de como essa ação pode interferir no ambiente em que os mesmos estão inseridos. Enquanto no terceiro estágio, chamado de *operatório-concreto*, o sujeito desenvolve fundamentos de reversão, seriação, classificação, transitividade e conservação, segundo Piaget (1978), possibilitando a comparação dos conhecimentos adquiridos nos estágios anteriores com os novos conhecimentos, fazendo com que ele possa compreender, a partir de ações e relações concretas com os objetos, a realidade. Por fim, no quarto estágio, *operatório-formal*, o indivíduo já é capaz de pensar hipoteticamente sem precisar de um objeto como suporte para sua racionalização.

Platão (427-347 AEC), filósofo da Grécia clássica discípulo de Sócrates, traz no diálogo *A República* duas metáforas - a da linha dividida e a da caverna, versando sobre como se dão os processos de racionalização e de produção do conhecimento. Platão compara esses processos a uma linha vertical, dividida ao meio em duas partes. Nessa linha, se encontra como base o mundo sensível e, acima, o mundo inteligível, sendo essas duas partes identificadas com a *dóxa* e a *episteme*, a opinião e o conhecimento, respectivamente.

Posteriormente, ele divide cada uma dessas duas partes da linha em outras duas partes, dividindo assim o mundo sensível em duas etapas e o mundo inteligível em mais duas. A primeira forma de raciocínio da base, denominada de *eikasia*, fala sobre as figuras representativas da realidade que influenciam a ação do indivíduo, gerada a partir dessa referência pronta, demonstrada por meio das sombras dessas figuras. A *pistis*, que é a segunda forma da *dóxa* encontrada no trecho inferior da linha, traz a ideia da ação do indivíduo sobre as figuras de uma maneira transfigurada, fazendo com que as mesmas não representem de fato o que realmente são. A terceira parte, que já está inserida no mundo inteligível, na metade superior da linha dividida, é a *dianóia*, segundo a qual o sujeito constrói o seu conhecimento a partir de hipóteses e de objetos apresentados ao mesmo. Na *noésis*, última parte do segmento superior da linha, e que representa, para Platão, a acme do saber, o indivíduo constrói por meio da dialética, hipóteses sem nenhum suporte empírico. Sendo assim, nada é o que de fato parece ser, pois, para Platão, nessa parte *d'A República*, trata-se de descrever e de contrapor os mundos ideal e sensorial, e de demonstrar que esse mundo sensível nunca chegará de fato à realização da ideia perfeita, mas apenas à representação de tal ideia.

3.1 Sobre a relação direta sujeito-objeto: estágio sensório motor e a sombra dos objetos exteriores

Na epistemologia genética, Piaget constata que, no estágio sensório motor, o indivíduo não consegue perceber que seu corpo é parte do meio, e que todas as ações geradas fora do corpo do indivíduo afetam seu desenvolvimento e sua linha de raciocínio. Já, futuramente, nesse mesmo estágio, para o autor, a partir do segundo ano de vida ocorre uma revolução copernicana em relação à interpretação do indivíduo sobre os objetos: nessa fase a criança não mais os ignora, ela agora se vê como parte deles. Nesse caso, o estímulo sensorial é algo fundamental para colaborar com o indivíduo no processo de reflexão sobre o objeto.

[...] Neste intervalo de um a dois anos realiza-se, de fato, mas ainda no plano dos atos materiais, uma espécie de revolução copernicana que consiste em descentralizar as ações em relação ao corpo próprio, em considerar este como objeto entre os demais num espaço que a todos contém e em associar as ações dos objetos sob o efeito das coordenações de um sujeito que começa a se conhecer como fonte ou mesmo senhor de seus movimentos.⁶

Deste modo, inicialmente os objetos exteriores influenciam diretamente nas ações do sujeito fazendo com que esse, quando afetado negativa ou positivamente, aja por meio de reflexos como chorar e sorrir. Outros reflexos característicos do período sensório motor, são o de sucção e o de apreensão dos objetos. Nesse estágio, é perceptível um desenvolvimento gradativo desses reflexos inatos, quando exercitados de maneira habitual através de influências do meio. Portanto, a construção de inteligência é dada por meio da assimilação das ações dos objetos exteriores com os esquemas individuais, resultando em uma acomodação de tais características do meio para com o sujeito. É uma inteligência prática referente apenas à manipulação de objetos através de percepções e movimentos organizados em esquema de ação.

Por isso, afirmamos que os objetos-suporte são necessários para que, a partir deles, o sujeito consequentemente possa conhecer aquilo que é chamado de “realidade”. Platão também descreve, na metáfora socrática da caverna, as formas de conhecimento representadas na linha dividida, na qual a primeira forma de conhecimento é originada por meio de uma relação dos objetos exteriores para com os prisioneiros da caverna.

- Visiona também ao longo deste muro, homens que transporta toda espécie de objectos, que o ultrapassam: estatuetas de homens e de animais, de pedra e de

⁶ Piaget, 1978, p. 8.

madeira, de toda espécie de lavor; como é natural, dos que transportam, uns falam, outros seguem calados.⁷

Outro ponto ao qual os dois autores referem-se neste estágio, é a questão da utilização dos sentidos. Não ignoramos o fato de Platão achar essa etapa de conhecimento da realidade inferior à do pensamento hipotético-dedutivo, porém queremos afirmar que tanto Platão quanto Piaget falaram sobre o uso dos sentidos como suporte para a constituição de um futuro pensamento hipotético-dedutivo.

[...] Os esquemas de inteligência sensório-motora não são, com efeito, ainda conceitos, pelo fato de que não podem ser manipulados por um pensamento e que só entram em jogo no momento de sua utilização prática e material, sem qualquer conhecimento de sua existência enquanto esquemas, à fala de aparelhos semióticos para os designar e permitir sua tomada de consciência.⁸

Em Platão há um momento em que ele trará para o prisioneiro da caverna a utilização de dois sentidos, a visão e a audição.

- Então, se eles fossem capazes de conversar uns com os outros, não te parece que eles julgariam estar a nomear objetos reais quando designavam o que viam?
- É forçoso.
- E se a prisão, tivesse também um eco na parede do fundo? quanto alguns dos transeuntes não te parece que eles julgariam outra coisa, se não a voz da sombra que passava?
- Por Zeus que sim!
- De qualquer modo - afirmei - pessoas nessas condições não pensavam que a realidade fosse senão a sombra dos objectos.⁹

Portanto, assim como em Piaget no estágio *sensório-motor*, Platão traz na *eikasia* a primeira forma de conhecimento referente ao mundo sensível (*dóxa*). Nas duas etapas *sensório-motora* de Piaget e a *eikasia* de Platão, essa relação direta entre sujeito e objeto prova que o conhecimento do indivíduo sobre a realidade é fruto de tal relação. Gerando-se assim um conhecimento a partir de imagens e imaginação. Exatamente por isso, nessa fase os estímulos lúdicos tornam-se essenciais para a criança. Visto que a partir desses estímulos, a aprendizagem torna-se mais significativa para o ser humano, auxiliando-o no desenvolvimento social, pessoal e cultural na comunicação e na construção do pensamento.

⁷ Platão, 2008, p. 315, 514c-515a.

⁸ Piaget, 1978. p.10-11.

⁹ Platão, 2008, p. 316, 515b.

3.2 O sujeito e a vicissitude em relação aos fundamentos dos objetos e o pensamento classificatório

A segunda fase do desenvolvimento cognitivo humano é caracterizada pela atribuição de significados diferentes aos objetos reais. Para Platão, assim como para Piaget, além de atribuir significados diferentes, o ser consegue começar a se questionar sobre esses significados, ou pelo menos deveria fazê-lo. Ou seja, o indivíduo nessa fase terá como suporte os objetos exteriores, e será capaz de perceber a realidade não pelo que ela é, mas por aquilo que ele deseja que seja. Sendo assim, acerca do fim do estágio *pré-operatório*, Piaget diz o seguinte: “[...] no plano superior - *nesse caso, o nível pré-operatório*, que é o dos pré-conceitos e pré-relações, reproduz-se assim uma centração inicial e análoga, pois que se trata de reconstruir nesse novo plano o que já fora dito no nível sensório-motor.”¹⁰

É importante enfatizar que esse desejo é gerado a partir do conhecimento adquirido pelo indivíduo na fase anterior, e, por mais que o mesmo tenha contato com novos objetos, ele tentará assimilar e acomodar os seus novos conhecimentos às experiências anteriores. Platão afirma que o prisioneiro, depois de ser liberto das correntes e de começar a empreender a subida para fora da caverna (que equivale à ascensão, através do pensamento, ao mundo inteligível), deve voltar o seu olhar para os objetos cujas sombras eram projetadas no interior da caverna – inicialmente o sujeito acreditará que os objetos da caverna são mais reais que os que lhes foram apresentados antes, apenas sob a forma de sombras.

[...] logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente a voltar o pescoço a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objectos cuja as sombras vira outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltados para objectos reais ? E se ainda, mostrando-lhe cada um desses objectos que passavam, os forçasse com perguntas a dizer o que era ? Não te parece que ele se veria em dificuldade e suporia que os objetos vistos em outrora era mais reais do que os que agora lhe mostravam?

- Muito mais - afirmou.¹¹

A falta de um pensamento intuitivo ou indutivo que force o indivíduo a pensar no conceito de transitividade é um dos aspectos que fazem com que ele aja sobre o objeto de maneira irregular em relação ao seu real significado. Pois, torna-se mais cômodo assimilar o novo conhecimento a um anterior do que buscar o significado real dos novos conhecimentos

¹⁰ Piaget, 1978. p. 15. grifos nossos.

¹¹ Platão, 2008, p. 316, 515 c-515 d.

adquiridos. Uma semelhança entre esse pensamento piagetiano e o de Platão, também pode ser percebida na alegoria da linha dividida - exposta no livro VI d'A *República*, com relação à compreensão platônica da *pistis*, da inteligência formada por crença; e crença nada mais é que um pensamento desenvolvido por outro e que não pode ser provado de maneira empírica. É nessa fase que outros trarão pensamentos prontos para os sujeitos em processo de desenvolvimento, esses ainda não serão capazes de refletir sobre o real significado desses pensamentos, o que pode ser evidenciado, por exemplo, no campo da heteronomia moral descrita por Piaget, quando os sujeitos tomam como verdadeiras as normas e valores porque o foram repassados por figuras de autoridade.

3.3 Os objetos como suporte para um pensamento hipotético dedutivo e a reflexão do significado dos objetos

Neste período, o das *operações concretas*, o sujeito age de maneira concreta sobre os objetos, refletindo sobre a constituição deles. Ao passo que o desenvolvimento cognitivo possibilita ao sujeito a realização de operações de reversibilidade, classificação, conservação e finalmente de transitividade, assim possibilitando ao sujeito uma nova forma de interação e reflexão acerca dos objetos, interação e reflexão que se tornam a base fundamental do desenvolvimento do pensamento hipotético dedutivo. Segundo Piaget (1978), as conquistas desse estágio ocorrem graças à passagem do indivíduo por três momentos decisivos. Primeiro, o momento em que a criança consegue assimilar características e formar conjuntos, dando suporte a uma futura seriação. No segundo momento, o sujeito estabelece comparações entre os conhecimentos prévios e entre os conjuntos formados. O terceiro momento é aquele em que o indivíduo consegue equilibrar as semelhanças e as divergências entre os conjuntos e os conhecimentos.

Em relação à reflexão sobre os objetos, Platão a discute, pela segunda vez em sua alegoria da caverna, quando o indivíduo, ofuscado pela luz do sol e não adaptado à claridade proporcionada pelo mesmo, vê-se obrigado a voltar seu olhar para os objetos reais. O sujeito começará a perceber, de maneira dolorosa, uma vez que ele será obrigado a sair da sua zona de conforto, na qual ele está acostumado a ficar sentado e no escuro por muito tempo, para buscar o conhecimento fora dessa zona, em um ambiente novo e claro, gerando assim uma concepção dos objetos exteriores à caverna, os quais são, de fato, reais. Assim sendo, o mesmo habituar-se-á com esses objetos e as suas funções.

- Portanto, se alguém forçasse a olhar para a própria luz, doer-lhe-iam os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio junto dos objectos para os quais podia olhar, e que julgaria ainda que estes eram na verdade mais nítidos do que os que lhe mostravam?
- Seria assim- disse ele.
- E se o arrancassem dali à força e fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até à luz do Sol, não seria natural que ele se doesse e agatasse, por ser assim arrastado, e depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objectos?
- Não poderia, de facto, pelo menos de repente.
- Precisava-lhe se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos reflectidas na água e, por último, para os próximos objectos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que fosse para o Sol e o seu brilho de dia.¹²

Deste modo, o sujeito consegue encontrar a equilibração dos conceitos de modo incompleto, logo após ser exposto às dificuldades; o mesmo conseguirá perceber as causas reais que tornam os objetos e ações como elas são, porém ainda não conseguirá compreender de fato as leis naturais que fazem, por exemplo, com que os objetos não se mantenham flutuando no plano real. Essa parte, denominada de *dianóia* por Platão, trata exatamente do pensamento auxiliado pela compreensão, ou melhor, a reflexão de tais objetos presentes para a manipulação do indivíduo. No caso do quarto estágio dos dois referidos autores, o sujeito conseguirá compreender tanto as relações das leis naturais, quanto conseguirá refletir sobre qualquer coisa, sem o suporte imediato de objetos, caracterizando o pensamento hipotético-dedutivo.

3.4 A autonomia de raciocínio do sujeito e a contemplação ao conhecimento

No quarto estágio dos dois autores, portanto, o sujeito não irá mais refletir a partir do pensamento concreto amparado pelos objetos exteriores; ele agora consegue compreender, além dos próprios objetos, as causas que os geram; pode refletir sobre ações, origens, finalidades e diversos outros questionamentos que existem no ato de pensar. Pode, assim, construir hipóteses e relações entre seus conhecimentos adquiridos anteriormente, em outra fase, e o novo conhecimento, conforme afirmam Ferreira e Lautert (2003). Tal compreensão gera a ideia de um conhecimento “maduro” ou melhor, oferece oportunidade para o raciocínio

¹² Platão, 2008, p. 317, 515e - 516b.

que não se baseia apenas na indução, podendo ser gerado, assim, o pensamento nomeado por Piaget de *hipotético-dedutivo*. É valioso ressaltarmos que esse pensamento acontece de maneira interiorizada no indivíduo, mesmo que o sujeito reflita sobre os objetos exteriores; ele não precisará ter contato com a materialização do objeto, pois o conceito muitas vezes lhe basta. Vejamos isso neste trecho da obra *A epistemologia genética*, de Piaget:

[...] o segundo degrau será o da própria explicação causal, isto é, das operações atribuídas aos objetos. Neste sentido observa-se no presente nível o mesmo maciço no domínio da causalidade que *nos dá* operações lógicas-matemáticas ao papel geral do possível neste último terreno corresponde no plano físico o do virtual, permitindo compreender que as forças continuam a intervir no estado imóvel, ou que em um sistema de diversas forças cada uma conserve sua ação, ao mesmo tempo a compondo com as da demais;¹³

Segundo o autor, esse é um processo que ocorre de maneira interna ao indivíduo; esses esquemas são construídos sem a contribuição de intermediários, agora podendo ser percebida e valorizada a autonomia do indivíduo. Nessa etapa, pode-se iniciar um processo de educação denominado por Correia (2007) de autoeducação, processo no qual o indivíduo, “dialoga consigo mesmo”. O conhecimento gerado a partir desse diálogo, para Platão, traz uma ideia de reminiscência. É nesse estágio que o indivíduo busca conhecer perfeitamente, olhando diretamente para *o Sol* - que representa o conhecimento nessa alegoria. Mesmo sabendo que o conhecimento só pode ser alcançado, plenamente, depois da morte.

Balbinot (2007), no artigo intitulado *Educar a força de perguntas: questões sobre a prática pedagógica em Platão*, destaca que cabe à educação ensinar o indivíduo a bem-viver; conseqüentemente, nessa situação, o indivíduo deverá pensar sobre esse direcionamento oferecido pela educação; contemplar as decisões tomadas pelo sujeito nessa etapa, é fundamental para o estímulo à reflexão. Pois, somente nesse estágio o indivíduo consegue começar a interiorizar, contemplar e refletir sobre suas ações, sobre as ações de outrem e sobre a influência dos objetos exteriores na vida dele.

Ainda sobre o pensamento de Platão, citamos a seguir o trecho do Livro VII em que o sujeito consegue contemplar *o Sol*:

- Finalmente julgo eu, seria capaz de olhar para o sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer sítio, mas a ele mesmo, no seu olhar.
- Necessariamente.

¹³ Piaget, 1978. p.29. grifos nossos.

- Depois já compreenderia acerca do Sol que é ele que causa as estações e os anos e que tudo dirige no mundo visível, e que é o responsável por tudo aquilo que eles viam um arremedo.¹⁴

Portanto, nesse caso o indivíduo alcança o saber máximo, a *noesis*, que corresponde exatamente à última parte da linha dividida, referida por Platão no Livro VI; alcança ele a *episteme*, que significa conhecimento.

Com isso, finalizamos a discussão das semelhanças encontradas nos dois textos estudados. Trataremos, à título de Considerações Finais, daquilo que consideramos relevante para nossas práticas em sala de aula.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando agora o fato do nosso atual Presidente da República alegar que o ensino de filosofia não precisa ser financiado pelo MEC¹⁵, imediatamente, pois esta vertente de ensino não traz uma recompensa imediata para a economia do país, priorizando as áreas de saúde engenharia, também queremos demonstrar, por meio deste texto, que a filosofia deve estar presente constantemente na formação de professores e alunos, visando uma melhor compreensão do *bem-viver*, assunto que deve ser discutido em sala de aula. Na verdade, é a sala de aula o ambiente mais propício para o aluno refletir sobre essas práticas, que são apresentadas a ele como fundamentais para uma boa convivência, uma formação cidadã e uma formação autônoma. Platão foi um dos filósofos que valorizavam a educação que buscasse e promovesse o *bem-viver* - não só a educação. No caso do diálogo *A República* fica claro o papel do Estado no fornecimento de possibilidades ao indivíduo de se cultivar buscando o *bem comum* por meio do conhecimento.

Percebemos então que não cabe apenas à educação fazer com que o aluno se desenvolva, pois, o Estado é responsável por fornecer meios ao professor para que sua prática docente seja exercitada com sucesso em sala de aula. Não devemos deixar de levar em conta a maturação biológica do aluno, a qual deve determinar a utilização dos meios lúdicos mais adequados às diversas necessidades demonstradas no respectivo estágio de desenvolvimento. Porém, para que isso aconteça, o Estado precisa dar suporte técnico ao professor, para que o mesmo possa aplicar na sua *práxis* pedagógica essas considerações, seja por meio de

¹⁴ Platão, 2008. p. 317-318, 516 b-c

¹⁵ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/26/bolsonaro-diz-que-mec-estuda-descentralizar-investimento-em-cursos-de-filosofia-e-sociologia.ghtml>

formação continuada, de objetos que auxiliam nesse desenvolvimento, como material dourado, jogos de dama, jogos alfabéticos, atividades reflexivas, contemplativas, motivadoras e, sobretudo, transformadoras.

Enquanto o professor não conseguir compreender que ele é um dos principais agentes de transformação da realidade, nada daquilo acontecerá de fato. Por mais que voltar para a “caverna” e ensinar um pouco daquilo que temos como conhecimento possa ser um processo doloroso e que nos custe a vida, é extremamente importante que tentemos de algum modo orientar e estimular a criança à busca incessante pelo saber.

Sendo assim, percebe-se a importância da ludicidade e o estímulo da curiosidade na construção do conhecimento cognitivo do educando; pois é por meio desses que conseguiremos formar cidadãos capazes de compreender o mundo à sua volta sem auxílio de objetos externos, ou de sujeitos, que trazem o pensamento pronto e acabado a cada um deles, não lhes permitindo o raciocínio lógico desenvolvido por ele mesmo, de modo autônomo. O construtivismo também se torna suporte essencial para esse processo de conhecimento; pois, quando o professor consegue compreender essa teoria, ele se torna capaz de agir provocando os estímulos exatos, que podem colaborar decisivamente para a formação integral do indivíduo, entendendo sempre que o aluno é o protagonista na construção do seu conhecimento.

REFERÊNCIAS

BALBINOT, Rodinei. *Educar à força de perguntas: questões sobre a prática pedagógica em Platão*. REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 14, n. 1, Passo Fundo, p. 32-42, jan./jul. 2007.

CORREIA, Wilson. *Platão e a educação da alma*. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.9, n.1, p.99-114, dez. 2007 – ISSN: 1676-2592.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. LAUTERT, Síntria Labres. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2003, 16(3), p. 547-554.

GHEDIN, Evandro. GOMES, R.C.S. *O desenvolvimento cognitivo na visão de jean piaget e suas implicações a educação científica*. In: VIII ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2012, Campinas. Atas do VIII ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Rio de Janeiro: ABRAPEC, v.1. p. 1-14. 2012.

PIAGET, Jean 1896- *A Epistemologia genética*; traduções de Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Deir, Célia E. A. Di Piero.-São Paulo: abril cultural, 1978.

PITTELOUD, L. (2014). *A forma da cama na República de Platão*. Archai, n. 14, jan - jun, p. 51-58. disponível em: < http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_14_5> . Acesso em 07 de ago. de 2019.

PLATÃO. *A República*. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2008.